

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2



Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

156 p., il.

ISBN 978-65-5983-757-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.571211712>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização do Mundo 2* apresenta, em seus quinze capítulos, trabalhos muitíssimo interessantes no que tange aos processos de simbolização do mundo por meio da literatura. Sendo sua função a transcendência da experiência do leitor a partir do texto lido, os trabalhos que compõem a coletânea são assertivos na averiguação literária sob diferentes vieses metodológicos possíveis nos estudos literários.

Desse modo, há estudos que possuem como *corpus* desde escritores consagrados como Gregório de Matos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Julio Cortázar até menos conhecidos, como Sór Juana Inés de la Cruz, Antonio Muñoz Molina, Edouard Glissant, José Luandino Vieira, Enrique Buenaventura e Sindo Guimarães. Assim, há um rico leque de possibilidades de investigações literárias nesses textos, que cumprem seu papel no que tange à qualidade de verificação de seus objetivos de pesquisa nos textos literários.

Além de estudos cujo *corpus* é uma seleção perspicaz da obra dos autores mencionados, temos trabalhos sobre letramento, papel da literatura no desenvolvimento infantil, literatura digital e ensino de literatura em contexto pandêmico na rede pública de escolas, além de artigos que, utilizando alguns dos autores supracitados, tematizam o (de) colonialismo e a literatura comparada.

Portanto, o livro busca corroborar na produção científica na área dos estudos literários, tão desmerecida – dentre as demais ciências humanas – no imaginário brasileiro enquanto conhecimento científico hoje. Assim, desde leigos na literatura até graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados podem desfrutar dos trabalhos que compõem os capítulos desse livro, que não deixa de ser um grito de resistência em meio à desvalorização da ciência produzida no campo dos estudos literários.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIAS DE VIDA NOS LIVROS INFANTIS: SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA POSTURA CRÍTICA-REFLEXIVA DAS CRIANÇAS AFETANDO SEU DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E AFETIVO

Walter Duarte Monteiro Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117121>

CAPÍTULO 2..... 5

A LÍNGUA MATERNA E A LINGUAGEM MATEMÁTICA: DA EUROPA AO BRASIL, DIÁLOGOS PERENES

Paulo Roberto Trales

Simone Maria Bacellar Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117122>

CAPÍTULO 3..... 14

PENSANDO AS RELAÇÕES AMBIENTAIS A PARTIR DO CONTO “O JORNAL E SUAS METAMORFOSES”, DE JULIO CORTÁZAR

Luca Ramos Dias

Lucas Leal Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117123>

CAPÍTULO 4..... 28

O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Glauco Soares Joaquim

Andréa Portolomeos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117124>

CAPÍTULO 5..... 44

NOTAS SOBRE A LITERATURA DIGITAL

Angeli Rose do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117125>

CAPÍTULO 6..... 68

IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM *MONSIEUR TOUSSAINT*, DE ÉDOUARD GLISSANT

Maria Helena Valentim Duca Oyama

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117126>

CAPÍTULO 7..... 75

ESPAÇOS E IMAGINÁRIOS: A FORÇA POÉTICA DAS ÁGUAS NA PRODUÇÃO ROMANESCA DE CARLOS BARBOSA

Joseilton Ribeiro do Bonfim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117127>

CAPÍTULO 8	88
MEMÓRIA ORAL TRANSPOSTA À ESCRITA LITERÁRIA: <i>SEFARAD</i> DE ANTONIO MUÑOZ MOLINA	
Ana Paula de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117128	
CAPÍTULO 9	100
A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Maria Cristina Chaves de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117129	
CAPÍTULO 10	107
A MEMÓRIA DA VIDA E DA CIDADE DE SEABRA NA POESIA, RUA DA PALHA, DE SINDO GUIMARÃES: UMA VISÃO INDIVIDUAL E COLETIVA	
Maiara de Souza Macedo	
Andréia Almeida Santos Pires	
Gisele Vieira de Souza	
Marta Aparecida Souza Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171210	
CAPÍTULO 11	121
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICA	
Crislaine da Silva Borges Rocha	
Ricardo da Silva Sobreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171211	
CAPÍTULO 12	128
ENRIQUE BUENAVENTURA E O “TOMAR POSIÇÃO” NA PEÇA <i>HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA</i> : UMA NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE	
Juliana Caetano da Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171212	
CAPÍTULO 13	135
UM ESTUDO SOBRE LITERATURA COMPARADA: O QUE UNE E O QUE DIVERGE NA LITERATURA DE GREGÓRIO DE MATOS E SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ	
Laercio Fernandes dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171213	
CAPÍTULO 14	147
OS JOGOS COMO UM ‘AGÓN’	
Amós Coêlho da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171214	
CAPÍTULO 15	156
UM ESTUDO DO NARRADOR NAS ADAPTAÇÕES DE “O GUARANI” POR ANDRÉ	

LEBLANC E IVAN JAF/LUIZ GÊ

Juliana de Lima Lapera Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171215>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 170

ÍNDICE REMISSIVO..... 171

CAPÍTULO 14

OS JOGOS COMO UM ‘AGÓN’

Data de aceite: 01/12/2021

Amós Coêlho da Silva

UERJ

RESUMO: O “agón” na Antiguidade Clássica se realizou na Grécia sob a égide dos deuses, numa fase histórica muito semelhante à indicada nos jogos das sociedades primitivas, selecionadas em alguns episódios na literatura brasileira. Conceito de “agón”. Analogias entre episódios de “Grande Sertão: Veredas” e o herói mítico.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. “Agón”. Heroísmo.

GAMES AS AN ‘AGON’

ABSTRACT: The “agón” in Classical Antiquity took place in Greece under the aegis of the gods, in a historical phase very similar to that indicated in the games of primitive societies, selected in some episodes in Brazilian literature. Concept of “agón”. Analogies between episodes of “Grande Sertão: Veredas” and the mythical hero.

KEYWORDS: Myth. “Agon”. Heroism.

INTRODUÇÃO

A história de uma cicatriz muitas vezes se concretiza como uma forma ritual, como a define Houaiss: ritual é um “conjunto das regras socialmente estabelecidas” que marcam uma mudança na interação social das vidas das pessoas e não estão necessariamente ligadas

às religiões. Desde o nascimento, o corte do cordão umbilical, *in* Arnold van Gennep, muitos pesquisadores constatarem como se deve praticar a “secção cerimonial do cordão umbilical”, o “primeiro banho”, sendo alguns ritos de separação, outros de agregação (p.60 sqq.)...

In “*Homo symbolicus*: o alvorecer da linguagem, imaginação e espiritualidade”, múltiplos pesquisadores se empenham em compreender como os símbolos se desenvolvem no *homo sapiens*. Nossos corpos recebem marcas simbólicas de diversas maneiras: circuncisão, escarificação, mutilação, tatuagem, além de maquiagem, uso de certos tipos de roupas, cortes de cabelo, etc. Com este imaginário simbólico, vivemos numa multiplicidade de locais artificiais, já consagrados como heterotopias (FOUCAULT: *Outros Espaços*, 2001). A nossa memória é pródiga de elementos simbólicos.

Desde outrora associamos passagens de nossas vidas aos cursos dos astros, daí a astrologia. Esse deslocamento se dá numa intuição analógica e em comparações com os ritmos do universo em relação às etapas cronológicas da significação vital humana.

Michel Foucault fez, em conferência sobre “Outros Espaços”, utilizando a expressão “heterotopia”, que tem datação em português de 1873 (Houaiss Eletr.), e também para impor o estatuto de categoria, delineou uma significação específica: “o entrecruzamento fatal do termo

com o espaço”. (p. 412) De início, argumenta que uma grande mania “obcecou o século XIX, como se sabe, a história: temas do desenvolvimento e da estagnação¹, temas da crise e do ciclo², temas da acumulação do passado, grande sobrecarga de mortos³, resfriamento ameaçador do mundo⁴.” (p.411)

Para defender uma “fusão” entre espaço e tempo, Foucault, ainda a partir da linha de pesquisa histórica, recorre ao ponto de vista de Galileu, que scandalizou o “saber científico” da sua época quando defendeu o heliocentrismo e terminou desafiando a Santa Inquisição. Mas o papel secundário que cabe ao rotacismo da terra que já era do domínio científico da Antiguidade. Passaremos da linha histórica para linha de pesquisa mítico-filosófica, para tal leremos, entre outros mais abaixo, o “Sonho de Cipião”, capítulo que pertence à obra *De Republica*, de Marco Túlio Cícero (106 - 43 a.C.):

(16)(...) *Erat autem is splendidissimo candore inter flammas circus elucens - ‘quem vos, ut a Graiis accepistis, orbem lacteum nuncupatis.’*

(16) (...)Mostrava-me, então, um esplendoroso círculo brilhando no meio de chamas celestiais - ‘este é o que vocês denominam Via Láctea, como aprenderam dos gregos.’

(17)(...) *Novem tibi orbibus vel potius globis conexas sunt omnia, (...) in quo sunt infixi illi, qui voluntur, stellarum cursus sempiterni.*

(17)(...) Diante de você há nove órbitas [incluindo o sol], ou melhor, nove esferas, compondo todas uma conexão (...)no qual [= no sol] se fixam [se circunscrevem], em seu movimento, todas as esferas seguindo o seu curso sempiterno.

Assim sendo, com Foucault, que enfatiza a questão do tempo e espaço como aglutinação, pelo fato de que “não foi tanto” por Galileu “ter redescoberto que a Terra girava em torno do sol, mas ter constituído um espaço infinito, e infinitamente aberto...”, então, a partir daí “a extensão” começou a dissolver a noção de lugar.

Como se consultou o dicionário de Pierre Chantraine, o termo grego ‘agón’ nos parece mais adequado numa abordagem poética. Este termo ‘agón’ sofreu muitas alterações no curso de sua história e a nossa forma vernácula *agonia* assimilou a significação de *luta*, *exercício* através da recomposição no latim eclesiástico ao se referir a paixão de Cristo (S. Lucas 22,43). Porém, nos parece que o sentido de *combate ou luta* se tornou mais enfático. É da preferência dos poetas pôr em destaque o *combate*, *‘agón’*, *dada a emulação*, que é arquétipo homérico⁵.

Hoje em dia, deve-se criar um ponto de vista entre os pontos, para as relações de vizinhanças se descreverem “como séries, organogramas, grades.” (p.412)

1 Por exemplo, o evolucionismo positivista como único meio de alcançar a perfeição.

2 Por exemplo, o uso do óleo de baleia como combustível até meados do século XIX, quando surge a indústria petrolífera.

3 Por exemplo, a preocupação com a reverência aos antepassados.

4 O fim do mundo: escatologia, como destino final do homem, apocalipse.

5 Citemos aqui a formulação de Alessandra Bizoni (Nota 20. V. Bibliografia): “tema do poemas homéricos nos quais os combates (gr. *mákhe*) entre gregos e troianos.” Assim ocorre entre Aquiles e Agamemnon, Ulisses e opositores à semelhança dos deuses em conflitos entre eles mesmos (gr. *theon mákhe*) e entre deuses e mortais (*theomaquia*).

*adstupet ipse sibi vultuque inmotus eodem
haeret, ut e Pario formatum marmore signum;
spectat humi positus geminum, sua lumina, sidus* 420

*et dignos Baccho, dignos et Apolline crines
inpubesque genas et eburnea colla decusque
oris et in niveo mixtum candore ruborem,
cunctaque miratur, quibus est mirabilis ipse:
se cupit imprudens et, qui probat, ipse probatur,* 425

*dumque petit, petitur, pariterque accendit et ardet.
inrita fallaci quotiens dedit oscula fonti,
in mediis quotiens visum captantia collum
brachia mersit aquis nec se deprendit in illis!
quid videat, nescit; sed quod videt, uritur illo,* 430

*atque oculos idem, qui decipit, incitat error.
credule, quid frustra simulacra fugacia captas?
quod petis, est nusquam; quod amas, avertere, perdes!
ista repercussae, quam cernis, imaginis umbra est:
nil habet ista sui; tecum venitque manetque;* 435
tecum discedet, si tu discedere possis!

Enquanto deseja aplacar a sede, cresceu uma segunda sede; (415)

*e, enquanto bebe, é arrebatado pela imagem da forma vista,
ama esta esperança sem corpo; julga que este corpo existe porque há uma sombra.*

*Admira-se a si mesmo e, paralisado, se absorve naquele rosto,
como uma estátua formada de mármore proveniente de Paros.*

Estendido no chão, olha o gêmeo, seus olhos, duas estrelas. (420)

*Seus cabelos tão dignos de Baco, quão digno de Apolo;
faces impubescentes, pescoço eburneo, boca graciosa e um rubor misturado ao branco
niveo.*

extasia-se diante de todas essas coisas perante as quais ele próprio se admira: (425)

*Sem perceber, ele deseja a si mesmo e, nisso, quem examina é que é examinado.
Enquanto se dirige a ele, é dirigido a si mesmo e igualmente se inflama e se excita.*

Quantas vezes deu beijos vãos para a fonte falaciosa!

*Quantas vezes mergulhou nas águas os braços para pegar o seu pescoço visto, sem
encontrá-lo nelas! O que vê ele? Ignora; mas o que vê, se queima por ele, (430)*

e o mesmo erro que o engana, incita os olhos.

Criança crédula, por que insistes pegar em vão uma imagem fugaz?

*O que buscas, não há em nenhuma parte: o que amas, perdes, tu mesmo o fazes
esvaecido!*

Essa sombra, que percebes é de tua imagem refratada:

*essa sombra nada tem de si mesma, tanto vem quanto permanece contigo (435)
contigo se afasta, se tu puderes te afastar!*

Note que o Poeta escreve *cresceu uma segunda sede, sitis altera crevit* - uma segunda sede é sujeito de *crevit*, embora seja voz ativa, torna Narciso paciente da ação dentro da oração e ainda o deixa determinado por *alter*, que em latim denota rigorosamente *segundo*.

Como a pesquisa moderna reconhece, há em Aristóteles princípios teóricos, que tangenciam o discurso épico clássico, para além da construção formal versificada em proezas heroicas, com peculiaridades típicas de um gênero épico, embora não houvesse ainda na época do Estagirita o romance⁶. Tais peculiaridades épicas narrativas se atualizam diante das obras literárias de nosso século XX, como no romance de Guimarães Rosa. É que o imaginário narrativo de Rosa provém do sertão brasileiro, cujo teor é de cunho histórico, como os combates ('agón') entre grupos rivais de jagunços que aconteceram em século passado. De modo que a tessitura da obra não é como a do romance ficcional, isto é, uma representação dramática da vida, mas, em Guimarães Rosa, a partir de dados históricos que espelham a subjetivação de Riobaldo quanto às suas inquietações existenciais entre o bem e mal, entre o "demo" e Deus, assinalando cicatrizes, cotejadas com aquelas dos clássicos antigos.

Qual seria nosso espaço, ou melhor, nosso "combate" ('agón') em Guimarães Rosa? Não seria este: o explorado por Rosa que teve como fonte o imaginário popular sobre os sertões. Desloca a formalidade da norma culta da língua para o linguajar popular⁷, com suas dúvidas existenciais e, neste linguajar, condensa dúvidas instintivas e espirituais, sobre o racional e a crença religiosa e ânsia de uma resposta sobre o demo e Deus: "Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia." (p.52) A travessia são as "veredas do sertão".

Assim, os momentos de 'agón' de Ulisses que se afastou por dez anos de Ítaca para combater os troianos e mais dez, continuando sua travessia, para retornar após a Guerra de Troia, os percursos de Riobaldo, como travessia, pelo sertão. Além disso, a cicatriz de Ulisses, como anagnorose, quer dizer, reconhecimento, o identifica para a ama

6 Estão na épica certos elementos comuns ao gênero narrativo do romance: a personagem, o espaço e o acontecimento. Mas como o romance é uma ficção, ou seja, uma configuração do "real" e o épico assume um outro "real", o histórico, além disso, se entrelaça com o mítico, que se constitui, então, como "matéria épica": temos no romance uma "realidade ficcional" e, na epopeia, fatos da História, como feito mítico, pois são "semitizados" por feitos grandiloquentes. (SILVA: 1984, 14)

7 Já há pesquisas que defendem a não preservação da forma metrificada, como era corrente na Idade Clássica antiga e Renascimento. A ênfase recai sobre o discurso épico, com características peculiares no processo de criação. (SILVA: 1984, 10)

Euricleia⁸: marca de uma mordida de javali na coxa de Ulisses ao realizar uma caçada – era, simbolicamente, uma prova de ritual passagem. A de Riobaldo, como naquele primeiro encontro Joca Ramiro, o chefe, num tom respeitoso, como o fez Diadorim, beijou mão dele: “Todos que eram mais moços, beijavam. Os mais velhos tinham vergonha de beijar.” Então Diadorim me apresentou ao chefe: “Este aqui é o Riobaldo, o senhor sabe? Meu amigo. A alcunha que alguns dizem é *Tatarana*...” Comenta Joca Ramiro: “Tatarana, pelos bravos... Meu filho, você tem as marcas de conciso valente. Riobaldo... Riobaldo ...” (p.217)

A ambiguidade rosiana está presente nas suas dúvidas e indagações existenciais: “Hem? Hem? O que mais penso, texto e explico? Todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar.” (p. 8) Por essa razão afirma constantemente a expressão “Viver é muito perigoso”, como em: “Vive é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar.” (p. 9)

Ou neste outro passo: “Qual é o caminho certo da gente? Nem para frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só é muito esperando? Mas, quem é que sabe como? Viver... O senhor já sabe: viver é etcêtera...” (p.78).

De modo que as possibilidades interpretativas convocam múltiplas disciplinas para darem luz ao ‘agón’ dos jagunços, resilientes às ciladas tão presentes no dia a dia. Primeiramente, Riobaldo resiste ao comando da tropa de jagunços, porque crê que não merece, mas Diadorim retrucou: “mas nós sabemos a tua valia.”(p.66) “Onde é que os outros, roda-a-roda, denotavam assentimento. – ‘Tatarana! Tatarana!...’ - uns pronunciaram: sendo *Tatarana* um apelido meu, que eu tinha.” (p.66) Como se sabe, a tataranha solta um líquido que queima a quem tocar nela. O epíteto denota força de valentia, mas associado à humildade de Riobaldo, conforme aprovação de Reinaldo: “Em jagunço como jagunço (...) E os outros estimaram e louvaram: - “Reinaldo! O Reinaldo! – foi o aprovo deles. Ah.” (p.67)

E a “regra de Medeiros Vaz” que ficou implícita nestes diálogos acima é a “vindex” latina. Ou seja, para antigos gramáticos o termo vingança em latim se compõe de “vim”, *força*, *virilidade*, mais o elemento sincopado “-dex”, de “judex”, *juiz*. Desde os antigos gregos e romanos vige entre nós, mesmo em pleno século XX, uma forma de justiça: a “vingança”; aliás, presente também na civilização judaica, conforme se lê na Bíblia, *Êxodo*, 20,5: *Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso, que vingó a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e bisnetos daqueles que me odeiam.*

A sede de vingança crescia em Riobaldo. “...que este homem Zé Bebelo veio caçar a gente, no Norte sertão, como mandadeiro de políticos e do Governo, se diz até que a soldo...” (p.233) Depois de citar as perdas de vida, indaga “Isso se pode repor? E os que ficaram inutilizados feridos, tantos e tantos... Sangue e os sofrimento desses clamam. Agora, que vencemos, chegou a hora dessa vingança de desforra.” (p.233)

⁸ Característica do discurso épico, cujo fragmento foi interpretado por Auerbach, 1976: p.09 e sq.

No julgamento de Zé Bebelo, Joca Ramiro permitiu a palavra a quem quisesse emitir um juízo, a favor ou contra. Diadorim aplaudiu a intervenção de “Gostei de ver! Tatarana!” (p. 241), que propôs que se assumisse a fama de no sertão se vencer e deixar o condenado “punido só pela derrota” (p.240) Mais adiante, depois de Zé Bebelo mostrar suas razões de ter sido jagunço, o julgamento se fecha com a decisão de Joca Ramiro dar permissão de Zé Bebelo voltar para Goiás e só poder retornar aos sertões quando assim Joca Ramiro permitir ou tiver morrido. (p.245).

Uma das inquietações de Riobaldo em suas travessias pelo sertão é Diadorim: “O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – ‘Diadorim, meu amor...’ Como era que eu podia dizer aquilo?” (p.254) Então retoma a narrativa que faz a interlocutor anônimo... “Explico ao senhor (...)” (p.254)

Não o explica, pois, desde certo dia, guarda para os outros o que Diadorim lhe pediu: “Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você de me chamar, digo e peço, Riobaldo...” (p.134) Então, Reinaldo⁹ é para os outros.

No seu combate, Riobaldo se encontra em Veredas-Mortas, uma encruzilhada: “Chão de encruzilhada é posse dele, espojeiro de bestas na poeira rolarem.” (p.369). Enfim, no meio da noite: “Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...”; Mas Ele – o Dado, o Danado – sim: para se entestar comigo – eu mais forte do que Ele; do o pavor d’Ele (...) (p.370) E nesta ansiedade (p.371):

“-Lúcifer! Satanás!...”

Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.

“- Ei, Lúcifer! Satanás!...”

Porém, de fato, o duelo mais terrível narrado pelo Riobaldo foi o combate singular entre Hermógenes e Diadorim. “com braços e pernas rodejando, como que corre, nas entortações... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* Sangue. Cortavam toucinho debaixo de couro humano, esfaqueavam carnes.” (p.526) Ambos morrem.

E Riobaldo faz, então, a descoberta: “Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Uruçuia, como eu soluzei meu desespero.” (p.530)

Nisso, temos um episódio diferente da Odisseia? Sim. Lá Homero relatou o maravilhoso: a intervenção da proteção divina de Ulisses dilatou a noite para o herói desfrutasse mais o triunfo dos seus feitos. Em Rosa, Riobaldo volta, com um choque, ao “real” e diz “adeus para todos, sempremente.”

Riobaldo, frente ao seu interlocutor, confirma: “Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que digo, se for... Existe é

9 Conforme José P. Machado, Reinaldo provém do germânico *ragin*, ‘conselho’, e *-hard*, “duro, forte”.

homem humano. Travessia.” (p.538)

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. A Cicatriz de Ulisses. In: “*Mimesis*. A representação da realidade na literatura Ocidental.” 2ª. edição. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BAKHTIN, Mikail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. De Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance. Trad. de Aurora F. Bernardini *et alii*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BIZONI, Alessandra Moura. “A cicatriz de Tatarana: o sagrado feminino em *Grande Sertão: Veredas*”. Dissertação de Mestrado apresentada o Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro: 2013.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 vols.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. 2 vols.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Helena: o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1989.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: Uma Análise da Mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de símbolos*. Trad. Vera Silva *et alii*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine - histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

FOUCAULT, Michel. Outros Textos. In: *Estética : Literatura e Pintura, Música e Cinema*. (Org. e seleção de textos de Manoel de Barros da MOTTA). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latim Français*. Paris: Hachette, 1934.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem: Estudos sistemáticos dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, funerais, estações, etc*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.

HENSHILWOOD, Christopher S e (d')ERRICO, Francesco. *Homo symbolicus: The dawn of language, imagination and spirituality*. Amsterdand / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

Acesso: 17 de maio de 2021: <https://www.researchgate.net/publication/298522361>

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0 [CD-ROM], 2009.

HUIZINGA, Johan. "*Homo ludens*": *o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora M. R. F. da Silva. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, C. G. e KERÉNYI, Ch. *Introduction à l'essence de la mythologie: l'enfant divin, la jeune fille divine*. Paris: Payot, 1796.

KERÉNYI, Carl. Dioniso: Imagem arquetípica da vida indestrutível. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2002.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Martins Fontes, 1988.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência. s/d. s/d. Terceiro Volume: N-Z.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de

Janeiro: Francisco Alves. Primeira e única edição.

PEREIRA, Isidro (S.J.). *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Textos de autores latinos colhidos e de nossa tradução, em 15/07/2021, in <http://www.thelatinlibrary.com/index.html>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 121, 123

Antiguidade clássica 147

Antonio Muñoz Molina 88, 98, 99

B

Bertold Brecht 128

C

Clarice Lispector 127

Conto 14, 15, 16, 17, 20, 21, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 97, 103, 104

Coronavírus 28, 30, 42, 43

E

Édouard Glissant 68

Enrique Buenaventura 128, 129, 133, 134

Ensino 7, 8, 9, 10, 11, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 52, 66, 107, 170

Ensino de literatura 28, 29, 33, 34, 36, 38, 40, 41, 42, 66

Ensino remoto 28, 29, 31, 32, 33, 38, 39, 41

Escola pública 28, 29, 41

G

Grécia 9, 147

Gregório de Matos 135, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Guimarães Rosa 54, 151

H

História 1, 2, 3, 15, 23, 24, 25, 31, 40, 42, 55, 62, 68, 69, 72, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 117, 118, 119, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 139, 140, 142, 147, 148, 151, 156, 163, 169

I

Identidade 1, 45, 61, 66, 69, 85, 87, 101, 102, 105, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 139

Imaginário 34, 37, 58, 59, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 84, 86, 139, 147, 151

Interdisciplinaridade 5

J

Jornal 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 32, 61, 76

José Luandino Vieira 100, 101, 102

Julio Cortázar 14, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27

L

Leitor 4, 5, 6, 11, 16, 19, 20, 24, 25, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 107, 111, 112, 119, 160, 168

Leitura 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 53, 55, 57, 60, 64, 75, 76, 89, 90, 97, 111, 112, 115, 119, 120, 128, 134, 141, 146, 160, 169

Letramento 1, 4, 5, 9, 10, 13, 14, 34, 36, 42, 47, 50, 66

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 7, 11, 12, 16, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 53, 65, 75, 93, 95, 101, 104, 105, 107, 112, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 137, 141, 143, 145, 147, 169

Literatura 1, 2, 3, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 81, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 98, 103, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 118, 119, 120, 125, 129, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 154, 156, 157, 169, 170

Literatura comparada 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Literatura digital 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 62, 64, 65, 66

Literatura eletrônica 45, 49, 62

Literatura infantil 1, 3

Literatura local 107, 109, 118, 119

Literaturas Africanas 100, 101

M

Meio ambiente 14, 16, 21, 22, 24, 25, 65

Memória 53, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 133, 147

Memória oral 88, 89, 90, 94

Metamorfoses 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 25, 149

O

Oralidade 89, 91, 99, 100, 101, 105

P

Pandemia 28, 29, 30, 33, 38, 39, 42, 43

R

Resistência 100, 105, 112

S

Sindo Guimarães 107, 108, 109, 110, 118, 119, 120

T

Teatro político 128

Testemunho oral 88, 93

W

Walter Benjamin 55, 105, 128, 129, 134

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021